

# O trabalho em jogo: aspectos e efeitos psicossociais do ofício de jogadora de futebol no Brasil

The work in the game: Psychosocial aspects and effects of women's soccer players labor in Brazil

Talita Machado Vieira<sup>1</sup>, José Sterza Justo<sup>2</sup>, Caroline Albino Garbosa<sup>3</sup>

**Como citar esse artigo.** VIEIRA, T. M. JUSTO, J. S. GARBOSA, C. A. O trabalho em jogo: aspectos e efeitos psicossociais do ofício da jogadora de futebol no Brasil. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 14-25, jan./abr. 2023.



## Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir a experiência de trabalho de mulheres atletas de futebol, considerando os aspectos psicossociais no/do trabalho e a abordagem interseccional de marcadores sociais da diferença. Partindo da perspectiva da pesquisa cartográfica em diálogo com os estudos de gêneros, o material analisado é proveniente das entrevistas realizadas com duas atletas da equipe principal de um tradicional clube de futebol de mulheres no cenário nacional. Constatamos que o gênero não opera isoladamente na experiência do jogo-trabalho dessas mulheres. Ele se entrelaça a componentes raciais, de orientação sexual e de classe. Tais aspectos psicossociais, por vezes, são desconsiderados, silenciados ou omitidos, podendo dar margem à emergência de um discurso culpabilizador e individualizante na significação dos efeitos que as relações e organização do trabalho provocam sobre saúde mental das atletas.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres; Gênero; Trabalho; Aspectos psicossociais; Interseccionalidades.

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Abstract

This paper aim to discuss the work experience of women soccer players, considering the labor psychosocial aspects and the intersectional approach of difference social markers. The material of the two athletes interviewed is analyzed from the cartography perspective in dialogue with the field of gender studies. Our results shows that gender does not operate isolated in these women experience, but it is combined with racial, class and sexual orientation components. Such psychosocial aspects are, sometimes, disregarded, what could contribute to a self-blaming and individualizing speech to significate the labor organization and its effects over athletes' mental health.

**Keywords:** Women's soccer; Gender; Labor; Psychosocial aspects; Intersectionalities.

## Introdução

A construção do profissionalismo no esporte ainda é um tema nebuloso. Parte das dificuldades parece dizer respeito às condições especiais que estão implicadas na ideia de carreira e profissionalismo no esporte, as quais tensionam as bordas jurídico-institucionais do que habitualmente é considerado trabalho. As preocupações da Psicologia neste campo ganharam força nos últimos anos. Problematizações importantes, iniciadas nos anos 2000, por intermédio da professora Katia Rubio (2002), foram adquirindo corpo e se convertendo em questões para o campo da Psicologia Social do Esporte (RUBIO, 2007). O livro "Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios", de 2020, organizado por Katia Rubio e Juliana

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestra em Psicologia e Sociedade pela Unesp-Campus de Assis, Doutora em Psicologia e Sociedade pela Unesp-Campus de Assis com período sanduíche na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto-Pt. Professora colaboradora do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup>Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1975). Mestrado em Psicologia Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981). Doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989). Livre-Docência em Psicologia do Desenvolvimento pela UNESP-Campus de Assis. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unesp-Campus de Assis.

<sup>3</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina.

\* Email de correspondência: tmachadovieira@gmail.com

Recebido em: 06/02/2023. Aceito em: 23/03/2023.

Camilo, reclamam uma agenda da Psicologia para com o tema. Mais que atuar na potencialização do desempenho de atletas e equipes no rendimento, interessa afirmar os fenômenos que ali emergem e são vivenciados como relacionados ao trabalho.

No futebol, modalidade mais desenvolvida em termos de profissionalização de atletas no Brasil, a questão do trabalho traz, ainda, outros matizes. Gênero é um dos que merece destaque. Na primeira metade do século XX, enquanto se regulamentava o trabalho de jogador de futebol para os homens, as mulheres amargavam com a proibição de praticá-lo de forma competitiva e no âmbito dos clubes (BRASIL, 1941; GOELLNER, 2005; HAAG, 2018). Segundo se alegava, era uma modalidade imprópria para sua natureza que poderia afetar seu sistema reprodutivo, além de provocar sua masculinização e, possivelmente, sua lesbianização. O efeito mais evidente da proibição, ao longo dos quase quarenta anos em que esteve em vigor, foi o atraso no desenvolvimento institucional do esporte na categoria feminina. Desde 1983, quando efetivamente foi regulamentado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o drama entre profissionalismo e amadorismo assumiu papel significativo no futebol de mulheres no país (GOELLNER, 2005; SILVA, 2015, SOARES DE ALMEIDA; PISANI, 2015).

Se a invisibilização confere maior autonomia frente às regulamentações e prescrições dos órgãos que exercem o poder na modalidade, ela também acaba por manter ocultas as violências e abusos que ocorrem nos cotidianos dessas mulheres. Na luta para fazerem e defenderem sua profissionalização, as mulheres boleiras enfrentam preconceitos, relações abusivas, condições precárias e insegurança jurídica no exercício de seus ofícios, que podem ser entendidos como fatores de risco psicossocial com implicações importantes para sua saúde mental. Porém, os problemas e desafios para sua inserção no mundo do futebol, como profissionais, não se limitam à questão de gênero. A esta, agregam-se outras que dificultam o acesso à profissão de jogadora de futebol, como: classes, raças e sexualidades. Tais marcadores que as posicionam diferencialmente no tecido social, combinados, produzem as condições de possibilidade para suas experiências, para as maneiras como são afetadas e enfrentam barreiras e fatores de risco existentes na busca por este ofício.

O presente artigo tem como objetivo discutir o trabalho de mulheres atletas de futebol, em particular no que se refere à pressão vivenciada neste contexto, considerando os aspectos psicossociais no/do trabalho e a abordagem interseccional dos marcadores sociais da diferença. Para tanto, o texto está dividido em quatro seções, além da introdução e considerações finais. Na primeira, é feito um debate sobre a noção de fator de risco psicossocial e suas relações com o processo de saúde/doença no trabalho. A seção que trata das interseccionalidades busca situar o/a leitor/a no que diz respeito aos múltiplos atravessamentos de raça, gênero, classe, sexualidade na composição da experiência dos sujeitos. Em seguida, são abordados os percursos metodológicos, com indicações das estratégias de pesquisa, dos instrumentos utilizados na recolha dos dados e no processo de análise, bem como uma síntese narrativa acerca das atletas, cujas falas constituem a base empírica deste estudo. Por fim, a seção em que se discutem os resultados, procura mostrar como as atletas vivenciam o cotidiano de trabalho, em especial no que se refere às pressões características de sua realidade laboral. Cumpre mencionar a existência de um hiato entre as diferentes seções do presente artigo, uma vez que as discussões iniciais ficaram marcadas pela revisão de literatura e pelas reflexões de caráter mais teórico, enquanto o momento de análise do material de campo propiciou a emergência de uma escrita e do uso dos conceitos de maneira mais fluida e encarnada. Todavia, a diferença de estilos que se expressou no manuscrito não o torna desconexo. Vale lembrar que desde uma perspectiva cartográfica, orientação metodológica que sustentou a investigação aqui relatada, assume-se o conhecimento (e a vida como um todo) enquanto uma composição que resulta do atravessamento de linhas díspares, com rupturas e conexões ocorridas ao longo de um processo: algumas se encontram enquanto outras permanecem em aberto. Assim, se o produto final pode falhar no objetivo de oferecer um relato uníssono e harmônico é tão somente por expressar o curso do processo vivo que é a pesquisa: a relação com elementos de natureza distinta (teórico-conceitual e empírico) não deixaria ileso o ato da escrita. Fica, portanto, o convite ao/à leitor/a de se lançar ao processo que buscamos dar expressão por meio da escrita neste artigo.

## Fatores de risco e risco psicossocial no trabalho

Iniciamos esta seção atentando para o alerta feito por Vera Paiva (2013) que, em sua revisão crítica do conceito de psicossocial em documentos institucionais e na literatura especializada, apontou para o caráter vago e esvaziado do termo quando utilizado de maneira indiscriminada. Tais conceituações são importantes no âmbito de nossas pesquisas, na medida em que elas servem como fundamentação científica para afirmações que reivindicam o impacto das condições e conjunturas sociais, institucionais, econômicas e relacionais sobre o processo de saúde/doença nos contextos laborais. Assim, afirmar a relevância dos fatores de risco psicossociais demanda que situemos ao que se refere o psicossocial, suas fundamentações filosóficas e teórico-metodológicas.

Segundo a autora em tela: “afirmar a dimensão psicossocial é integrar domínios por muito tempo tratados de modo separados na formação profissional – o social do individual, a sociedade da pessoa. Trata-se de dar conta do hífen em psico-social”. A defesa do termo psicossocial tem em vista a “irreduzibilidade da dimensão psicológica à social (e vice-versa) e a impossibilidade de um domínio existir sem o outro: são complementares” (PAIVA, 2013, p. 534). Geraldo Paiva (2017, p. 29), por sua vez, vai além e questiona a necessidade do hífen, na medida em que “tanto a elaboração psíquica quanto a relação grupal acabam sendo uma única realidade psicossocial”.

Assim, o psíquico e o social são considerados como elementos que se coengendram. O “psíquico” deixa de dizer respeito a uma interioridade, essência ou realidade privada, para ser entendido como maquinaria produtiva que funciona em conexão com os múltiplos elementos que integram o mundo e afetam os processos de subjetivação (GUATTARI; ROLNIK, 1996). A ideia de subjetivação diria respeito a uma superfície torcida, tal qual representada pela Fita de Möbius, estabelecendo faces distintas de um plano contínuo. Nesse caso, elimina-se a cisão entre interno e externo, sem que seja necessário recorrer a um fundamento determinista.

Adotar o psicossocial como categoria analítico-conceitual implica, assim, numa mudança de perspectiva. A esfera individualizante, que culmina na culpabilização e responsabilização do sujeito pelo sofrimento, adoecimento e reestabelecimento de sua saúde, é abandonada. Em seu lugar, pretende-se privilegiar a complexidade dos contextos e interações sociais, com suas culturas, condições econômicas e políticas, seus sentidos e significados, suas normas, relações de poder, preconceitos, discriminações, enfrentamentos, garantias ou violações de direitos. Para nós, portanto, o psicossocial tem como intenção “superar a individualização, assim como a culpabilização da ‘vítima’ ou responsabilização apenas da pessoa pelo ‘mau comportamento’ e pelos fatores contextuais associados ao seu adoecimento” (PAIVA, 2013, p. 541).

Tal transferência de foco não pretende, contudo, apagar ou eliminar o sujeito da cena. Ele é preservado, inclusive, porque é também nele que a dor, o sofrimento e o adoecimento se expressam. Seu lugar não é o de produto passivo do contexto, mero resultado da associação entre fatores sociais entendidos como estímulos ou variáveis. O sujeito interage com as condições que levam ao seu adoecimento, tendo, em determinadas circunstâncias, a possibilidade de agir sobre elas e modificá-las. Não apenas palco do sofrimento, o sujeito, em suas conectividades coletivas, é agente questionador e transformador das mazelas que experimenta. Além disso, a dinâmica de vida também precisa ser considerada no desencadeamento do agravo, adoecimento ou acidente relacionado ao trabalho (SELLIGMAN-SILVA, 1988).

Data de 1984 a primeira publicação da Organização Internacional do Trabalho que alertava para a categoria dos riscos psicossociais como ameaça à saúde de trabalhadores e trabalhadoras. Nela, o termo “risco psicossocial” é entendido como desfecho da interação entre os aspectos do trabalho, o trabalhador e o contexto social (RODRIGUES; FAIAD, 2019), quando tal interação resulta em adoecimento ou acidente laboral. Para Rodrigues, Faiad e Facas (2020) é importante diferenciar risco de fatores de risco psicossociais. Segundo os autores mencionados, o risco é, geralmente, entendido como o agravo em si, um “dano à integridade física ou mental de um trabalhador [...] seja na forma de doença, seja por lesão ou acidentes de trabalho”. Já os fatores de risco são compreendidos como elementos que aumentam a probabilidade

de ocorrência do dano. Embora sejam antecedentes, a relação entre os fatores de risco e o risco não pode ser considerada como linearidade causal, haja vista a relação dinâmica existente entre tais elementos (RODRIGUES; FAIAD; FACAS, 2020).

A compreensão sobre os fatores de risco psicossociais e os riscos a eles associados precisam levar em consideração as características do trabalho, a conjuntura ou contexto social vivido pelo sujeito, a intensidade e o tempo de exposição, bem como a percepção do trabalhador ou trabalhadora sobre os riscos, a qual poderá diferir segundo aspectos como gênero, nacionalidade/região, idade/geração, raça, classe e sexualidade. Todavia, tais variações não decorrem de características intrínsecas aos marcadores sociais, mas por efeitos produzidos pelas relações de poder que estabelecem as hierarquias, as marcas e as respectivas posições instituídas no jogo social.

## **Interseccionalidades: uma ferramenta para análise da situação das mulheres no futebol**

A noção de *Outro*, no âmbito dos estudos feministas, é forjada na filosofia de Simone de Beauvoir (1967) para discutir o processo de tornar-se mulher tomando como referência o homem. Este, na condição de suposto universal, é entendido como a norma a partir da qual se definem as gradações de pertencimento à esfera social legítima.

A crítica de Djamila Ribeiro (2017), acompanhando as problematizações levantadas a partir do feminismo negro, vai no sentido de mostrar que o *Outro* beauveriano também é segmentado. O *Outro*, enquanto categoria unitária, por vezes, provoca o apagamento das multiplicidades de modos de ser das mulheres. Neste caso, a agenda de pautas levantadas sob o mote da “libertação da mulher”, assenta-se numa experiência do ser mulher e de feminilidade que se apresenta como universal: a da branquitude e da classe média.

Angela Davis (2016) destaca que o ideal de feminilidade, apontado como cárcere das mulheres, em pouco ou em nada congrega a experiência das mulheres negras. Entre estas, a elucidação das marcas de “aprisionamento” necessita de uma abordagem interseccional, na qual os elementos do sexismo se correlacionam aos do racismo. A autora mostra como a pauta feminista inicial, ao assumir como direcionamento a luta pelo direito ao trabalho ou a superação do mito da fragilidade feminina, por exemplo, não contemplava a situação das mulheres negras e pobres que há muito se encontravam nessa esfera da vida pública sem os embargos de uma suposta delicadeza que lhes seria inerente. Os atravessamentos de classe e raça criam condições diferenciais de existência, urgindo a necessidade de visibilizar e conjugar pautas heterogêneas e atuar em distintas frentes ao invés de se focalizar um eixo único e central de reivindicação. Portanto, para falar de mulheres, seria preciso considerar os efeitos do racismo, assim como tantos outros atravessamentos, ao invés de evocar apenas os enunciados subsumidos da experiência ou ameaça de encerramento nas obrigações da vida doméstica, matrimonial e maternal.

A questão de gênero também não se manifesta isoladamente na tentativa de codificação de um território futebolístico para as mulheres, sendo atravessada por marcadores como classe, raça, sexualidade e idade, como grandes centros de bifurcação e classificação da vida. À vista disso, entendemos que adotar uma perspectiva interseccional colabora para a apreensão e análise dos processos que procuramos compreender. Mais que o acúmulo simples das formas violências associadas a cada um dos marcadores sociais, a ideia de interseccionalidades pressupõe mudanças de caráter qualitativo no modo como os sujeitos estão posicionadas no campo social. A noção de interseccionalidade é forjada no bojo do pensamento feminista negro (AKOTIRENE, 2019) retratando uma posição de encruzilhada, surgida no encontro das diferentes avenidas de identidades sociais (AKOTIRENE, 2019). As posições são sempre intercambiáveis e relacionais, não admitindo o argumento de uma dominação ou opressão absolutas e invariáveis.

Lélia Gonzalez (2019) colabora com o debate ao pontuar que racismo e sexismo se entrecruzam para tentar produzir o apagamento das mulheres negras. A autora joga com as posições de “mulata” e “empregada doméstica” que se encontram num mesmo sujeito: a mulher negra. A diferença entre elas encontra-se, apenas, nas situações em que são vistas. No primeiro caso, a “mulata”, figura destaque

do carnaval, abre caminho para que a mulher negra adentre na esfera pública de modo reconhecido e prestigiado. Já a “empregada doméstica” é seu lugar do cotidiano, no qual mantém-se no espaço público pela via do trabalho, porém, como sujeito anônimo (GONZALEZ, 2019). Assim, notamos como racismo e sexismo se conjugam e se consubstanciam no corpo das mulheres negras, apagando suas existências e estabelecendo uma autorização social tácita que torna seus corpos disponíveis para a violação sexual e exploração no trabalho.

Em termos gerais, o futebol ainda é terreno atribuído e identificado aos homens cisgênero, necessariamente aqueles que performam uma masculinidade normativa (viril e heterossexual). Damo (2005) pontua que o futebol congrega um caráter simbólico de grande valor na constituição desta masculinidade. O futebol seria um espaço e uma prática importante para que um corpo designado masculino experimente tal configuração de gênero e se produza como determinado tipo de homem. Eliene Faria (2009) nos fala da prática do futebol lúdico, de bricolagem, no bairro ou na escola, e da reciprocidade que existe entre essa e a subjetividade masculina normativa. A relação do futebol com a masculinidade, nos diz a autora, se materializa no corpo, produzindo uma corporalidade idealizada para o menino-homem e tornando-o referência na representação do jogo.

No caso do futebol, a referência à masculinidade normativa pode ser vislumbrada em sutis práticas discursivas que habitam o cotidiano. Há futebol e futebol *feminino*, este marcado, específico, particular porque distinto do universal. O *feminino*, aqui, demarcaria uma posição de inferioridade na relação. Freitas (2007) e Dunning (1992) mostram que, no universo simbólico do futebol, as mulheres e o feminino são negativados, sendo associados ao demérito, ao desdém e à derrota. Tal operação deriva de um registro binário que, neste caso, demarca O Futebol e seu *Outro*, numa organização produzida por recortes de tipo concêntrico, com áreas que se aproximam ou se afastam do eixo central. As gradações entre a margem e o centro podem ser variadas, tal como podemos vislumbrar a partir da noção de interseccionalidades, o que acaba por interferir na experiência das várias mulheres que se lançam em busca de uma carreira no esporte.

## Aspectos metodológicos

Partindo da perspectiva da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011), foram realizadas entrevistas semiestruturadas com atletas de um clube de futebol do interior de São Paulo <sup>1</sup>. A cartografia diz respeito ao acompanhamento de processos que constituem os problemas investigados (BARROS; KASTRUP, 2009). Para Suely Rolnik (2014), a cartografia:

é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros (ROLNIK, 2014, p. 23).

A cartografia pressupõe a criação de mapas movediços, provisórios e parciais, porque “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Ela se aproxima mais de um conjunto heterogêneo de pistas, um modo de conceber a relação com a pesquisa, do que de um rol de procedimentos que prescrevem o caminho a ser seguido.

## Instrumentos e análise dos dados

O material empírico utilizado como fonte para as discussões foi obtido por meio de entrevistas semiestruturadas.

1 A identificação do clube parceiro da pesquisa será mantida sob sigilo, em respeito aos compromissos éticos acordados no início do trabalho.

As entrevistas foram realizadas em julho de 2019, em formato individual, nas dependências do próprio clube ou em um espaço próximo ao alojamento. O contrato de participação foi firmado mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento, no caso das atletas menores de idade<sup>2</sup>. Os nomes utilizados aqui para identificar as entrevistadas são fictícios. Cumpre destacar que a presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, estando registrada sob o número CAAE: 87828218.2.0000.5401.

As entrevistas partiram de um roteiro composto de três eixos-temáticos que contemplavam: a trajetória esportiva; a experiência do futebol vivido como trabalho ou formação para o trabalho; e as condições atuais da vida atlética. A análise das entrevistas foi elaborada em de três encontros de natureza distinta com o material produzido.

O primeiro encontro foi durante a realização das entrevistas e o tipo de dado que resultou dele foi da ordem das sensações despertadas. Ele pode ser identificado ao que Kastrup (2009) nomeia como rastreo e toque, ações que se caracterizam por uma atenção aberta que se desloca e percorre o campo numa espécie de varredura inicial.

Ao revisitar os áudios para efetuar as transcrições, tivemos um segundo encontro, agora, mais próximos do gesto de pouso que reconfigura o campo atencional conferindo maior focalização sobre o material (KASTRUP, 2009). Nossa pergunta-guia para este momento era 'O que foi dito?'. No terceiro encontro, nos dedicamos à escuta das gravações das entrevistas, tendo como questão orientadora o 'Como foi dito?'. Procedemos desta maneira por considerar que na transição do dito para o escrito parte do que é comunicado pode se perder (SILVERMAN, 2000) – silêncios, hesitações, recalitrâncias, variações de entonação. Aqui, destacou-se aquilo que Kastrup (2009) nomeia como reconhecimento atento. Nele, a paragem sobre os aspectos que ativaram nossas sensibilidades nos movimentos anteriores cria a intersecção entre passado e presente, memória e percepção, num processo que constrói diferentes versões para o mapa do trabalho de campo (KASTRUP, 2009). Os dados serão apresentados na forma de fragmentos e analisados.

## **Participantes**

Participaram da pesquisa 9 atletas, todavia, para o presente artigo, optamos por trabalhar com os dados obtidos junto a duas delas. Tal escolha se justifica pela pertinência dos dados em relação aos objetivos aqui propostos. Igualmente, cumpre ressaltar que se trata de uma pesquisa baseada na perspectiva qualitativa, segundo a qual se prioriza o estudo do fenômeno em profundidade e em que o tamanho da amostra possui relevância secundária. A seguir fazemos uma breve apresentação das atletas cujas falas foram destacadas para a construção do manuscrito.

*Joana* é nascida no interior de São Paulo. Autodeclara-se negra. À época contava com 22 anos. Gosta de se expressar pelas palavras escritas. Disse produzir pequenos textos e poesias nos horários vagos. Nos relatou que por algum tempo esteve envolvida com discussões sobre racismo e feminismo. Segundo ela, tinha postura ativista e procurava debater com as pessoas sobre tais temas. Cansou-se. Muita energia para poucos resultados, conforme nos disse. Mesmo assim, as chaves do ativismo negro e feminista foram acionadas por ela durante as lembranças de sua trajetória esportiva. Integrante da equipe principal do time parceiro na pesquisa, morava no alojamento, situação de várias nuances, atravessada pelos desafios do convívio coletivo com “estranhos”, da privacidade e da solidão. *Joana* conta que veio de família pobre. Origem que marca a dimensão concreta de seu sonho: o futebol é visto como meio para que possa dar uma casa para mãe, ajudar as irmãs a estudarem, prover para os sobrinhos. Deseja, também, fazer um curso superior, já tendo cogitado Jornalismo, Fisioterapia e Psicologia. Conta que teve na mãe a figura que mais a ajudou no começo. Mesmo com cinco crianças e uma casa para cuidar, fatos que *Joana* faz questão de enfatizar, a mãe saía com ela a procura de treinadores, projetos ou equipes para que a filha pudesse jogar futebol. Inicialmente jogou futsal pelo Guarani, passando, depois, ao futebol de campo da mesma equipe, antes de chegar ao clube parceiro da pesquisa.

*Fabiola* é capixaba, do interior do Espírito Santo. Mulher, branca, de classe média, lésbica. Na época tinha 28 anos. Morava no alojamento, junto com as demais atletas da equipe principal. Inicialmente, a paixão pelo futebol foi compartilhada e vivida com o irmão, com o qual participava de partidas promovidas por seus amigos. Surgiu para o alto rendimento aos 18 anos, após participar de um campeonato de futsal pelo time de sua cidade que lhe rendeu um convite para jogar no Ipatinga, de Minas Gerais. Foi. Tentou. Desistiu. Condições difíceis, atrasos no pagamento da ajuda de custo. Retornou à casa dos pais e decidiu retomar os estudos. Em suas veredas, sempre ficou dividida entre os estudos

2 A assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das atletas menores de idade foi realizada pela coordenação da equipe feminina.

e o futebol. Disputa que, até hoje, foi vencida pelo futebol: Direito, Ipatanga, Educação Física, Iranduba, Gastronomia, Flamengo, clube atual. Até agora, quando se viu na necessidade de escolher, a opção foi o futebol. *Fabiola* gosta do reconhecimento, das fotos, recados dos fãs nas redes sociais. Mas se preocupa também com salário, não apenas com a pontualidade, mas com o valor. Quer ganhar bem. Sua posição social parece ter lhe rendido possibilidades que interferem na definição de seu conceito do que é “ganhar bem”. É essa mesma posição e as possibilidades que teve (e tem) que tornam *Fabiola* uma incógnita para o clube: tendo boas condições socioeconômicas, dirigentes diziam não entender o porquê ela continua jogando.

## (Im)pressões plurais no futebol de mulheres

A pressão e a autocobrança são aspectos comuns na carreira atlética, participando da produção de subjetividade da/o jovem na construção da profissionalidade esportiva (MARKUNAS, 2007). Enquanto componentes da cultura desportiva (SILVA; RABELO; RUBIO, 2010) têm permanência relativa ao longo da carreira da/o atleta. Nosso material de campo, contudo, permite sugerir que tais componentes jogam, também, com uma infinidade de outros aspectos que compõem a experiência atlética das jogadoras de futebol.

A composição entre pertencimentos socioeconômicos e sentidos atribuídos ao futebol se intersecta, ainda, com as condições precárias para o desenvolvimento da prática, desde o acesso, iniciação até o ingresso efetivo na carreira, por vezes, com vínculo informal de trabalho. Esses são alguns dos elementos que parecem configurar o pano de fundo no modo como as atletas se relacionam com as cobranças, potencializando a pressão sentida pelas atletas em relação ao seu rendimento. Joana, ao narrar seus percursos na tentativa de ingressar em um clube, quando ainda era atleta do futsal, é ilustrativa das instabilidades que permeiam o futebol de mulheres: “Ele pediu pra eu ‘voltá’ no ano seguinte. Só que no ano seguinte o time ‘acabô’. Essa doideira do futebol feminino... futsal... acabou. [...] Aí, eu fiquei triste, né, porque... Eu ‘tava’ perto de conseguir e deu errado” (JOANA).

A “doideira” a qual se refere caracteriza a inconstância que ainda marca o futebol de mulheres no Brasil: inconstância de agremiações, de pagamentos, de contratos, de campeonatos. Tal cenário também foi destacado por Soares de Almeida e Pisani (2015) ao abordarem a informalidade das jogadoras e a instabilidade da modalidade no país. Razão pela qual, segundo as autoras, as jogadoras valorizam a possibilidade de cursar o ensino superior ou cursos profissionalizantes, pensando em alternativas para o gerenciamento do pós-carreira.

Para as atletas entrevistadas, a pressão vivenciada no cotidiano futebolístico é relacionada, majoritariamente, à autocobrança que fazem acerca de seu rendimento, tanto nos treinos como nos jogos. Ao falar sobre a pressão sentida, *Fabiola* a associa às dificuldades estruturais e institucionais da modalidade, sobretudo em termos salariais, razão pela qual cogitou voltar para a casa da família: “Ah, eu tô bem... Assim, tô meio... Te falá que até... Esses dias atrás eu quase parei. Quase falei assim ‘Ah, vô pra casa. Eu num consigo mais’. Porra, é difícil, né? É uma pressão...” (FABIOLA). No decorrer da conversa, foi possível notar que sua declaração era atravessada, ainda, por outros elementos: ter sido vítima de um assalto no ano anterior, sentir muita saudade da família e o término do namoro com uma atleta de outra equipe. *Fabiola*, enquanto uma mulher branca e de classe média, dispõe de outros projetos de vida em seu horizonte de possibilidades, como se denota a partir de sua trajetória, sempre oscilante entre o curso superior e a vida nos gramados. Um cenário em que retornar para a casa da família se apresenta como possível sem grandes constrangimentos – mesmo amando o futebol, não o toma como a única chance de “acontecer na vida”.

No material etnográfico e na discussão de Pisani (2018), a antropóloga mostra que, no contexto da várzea, existem diferenças notórias no sentido atribuído ao futebol segundo marcadores sociais de raça e classe. Nos grupos acompanhados por ela, enquanto as mulheres brancas e de classe média percebiam o futebol como espaço de empoderamento feminino e prática política de lazer, ao ocuparem o espaço público, as mulheres negras e pobres o destacavam como projeto de carreira, uma perspectiva profissional e de ascensão social, não obstante o reconhecimento das dificuldades e da precariedade da modalidade na categoria feminina. Uma contribuição interessante para nos aproximarmos da diferença no modo como as atletas vivenciam a pressão e a maneira em que ela se converte em autocobrança.

Contudo, é preciso ter em consideração que, no âmbito investigado por nós – atletas de alto rendimento –, a profissionalização, como carreira com condições sociais e econômicas, é um projeto compartilhado. Ainda que *Fabiola* tenha a concepção do futebol como espaço de empoderamento e de

luta política das mulheres, ela também almeja a profissionalização e a possibilidade de viver do futebol. Em seu caso, uma carreira que diz respeito ao reconhecimento do seu mérito e a sua própria manutenção socioeconômica, uma vez que desimplicada da necessidade de colaborar com a renda familiar. Assim, embora todas perspetivem uma carreira, os desafios na construção desse possível são vividos de maneira distintas entre elas, segundo atravessamentos de raça, classe e sexualidade.

A importância de se debater o tema das sexualidades nas arenas desportivas, reside no potencial que revela para colaborar na desconstrução dos preconceitos que habitam estes espaços e atinge atletas e outros/as profissionais deste contexto. Além disso, auxilia a visibilizar situações de violência e assédio moral que as relações atravessadas pela lesbofobia podem produzir.

Ao falar de sua trajetória, Fabíola, que comentou sobre um relacionamento anterior com atleta de outra equipe, afirma não se incomodar por ser chamada de sapatão. Ainda que tenha enfatizado a sexualização e objetificação entre as manifestações de preconceito que mais a incomodam, Fabíola referiu, também, aspectos relacionados à sexualidade. Ao relatar as dificuldades enfrentadas na carreira, destaca o período em que passou por um clube carioca, devido às práticas abusivas do treinador que, na percepção dela, poderiam ser retaliações pelo seu relacionamento com outra atleta:

eu comecei a me envolver com uma menina lá da... Do time que... Era a queridinha dele. Então, “acabô” que... Num sei se ele gostava dela. Eu num sei falar [...] Mas só que ele viu isso e ele “começo” a me “tirá” de tudo [...] Então... Aí eu acabei, tipo, indo, nessa dele. Aí eu comecei a “engordá” [...] “Pow”, chorava direto, porque... Ele... Mesmo treinando bem, mesmo fazendo gol nos treinos, ele não me levava nos jogos [...] uma coisa que me “marcô”... Que, é... Teve o mundial da... Da... Lá nos Estados Unidos é... Militar [...] Ele “levô” ela e não me “levô”. Aí ele “pego” e “falô” assim “É, ‘cê’ vai ‘tê’ sérios problemas em casa”. Tipo, querendo “causa” desavença. Então, meio que ele... Era bem escroto. Então, isso... Meu Deus! Isso “acabô” comigo. Isso aí “acabô” comigo (FABÍOLA).

A fala de Fabíola mostra a necessidade de se considerar o conjunto de relações que produzem o cotidiano dos clubes e como eles afetam a saúde de atletas e demais trabalhadores/as, impactando também na sua capacidade de rendimento desportivo. A partir desta fala podemos entender que o baixo rendimento não coincide com aspectos estritamente individuais, traços que se referem a um eu primordial, causas naturais ou congênitas. Pelo contrário, são expressão de um conjunto de relações, de violências ocultadas, invisibilizadas e, algumas vezes, até mesmo naturalizadas, um dos efeitos de processos abusivos que também constituem o futebol de mulheres no Brasil. Aqui, vemos uma situação que parece caracterizar assédio moral no trabalho<sup>3</sup>, que pode atuar como fator de risco psicossocial (RODRIGUES; FAIAD; FACAS, 2020), associada ao machismo e à lesbofobia, e que, conforme relatado pela participante, levou à diminuição de sua capacidade e disponibilidade para realizar suas atividades laborais. Os referidos elementos, machismo, lesbofobia e assédio moral, considerados em conjunto, sinalizam o proveito analítico que se poderia obter da aproximação entre as concepções de fatores de risco psicossocial relacionados ao trabalho e marcadores sociais da diferença para problematizações nos contextos laborais do esporte.

Ao retomarmos a conversa com Joana, encontramos um fragmento que, embora longo, é precioso na elucidação do tema:

3 Ramalho (2016, p. 40) propõe a seguinte definição “forma de violência psicológica praticada por um ou mais sujeitos ativos, seja no trabalho ou em razão deste, contra um ou mais alvos individualizados, por meio de um feixe de condutas - ações ou omissões: hostis, humilhantes, vexatórias e constrangedoras - repetitivas, que se prolonguem no tempo e que, sob qualquer motivação e intento, degradem o ambiente laboral, lesando os direitos fundamentais da vítima, particularmente a sua dignidade”. Ao falar sobre o futebol profissional, a autora alerta para que não se utilize o caráter *sui generis* deste contexto para mascarar práticas abusivas.

Eu acho que, como todo emprego, tem muita pressão, né? Sempre tem. Se num é do treinador, se você for sozinho tem sua pressão mesmo... Se você é... Que “cê” tem que “cuidá” da sua família, é isso. E, no futebol, todo mundo fala de pressão... Só que quando fala de pressão, principalmente no feminino, eu num falo... Das pessoas... Falo de você em você mesmo. Que eu acho que é o mais difícil de “aguentá”. Porque, “cê” acorda na segunda-feira, “cê” faz um treino muito bom. Chega na terça-feira, “cê” faz um treino bom. Chega na quarta, “cê” faz um treino ruim. Aí “cê” fica tipo “Por que?”. Aí “cê” tem que... Num... “Acordá” boa pra “tentá”, na quinta-feira, “fazê” um treino melhor do que “cê” fez na quarta... Eee... Talvez melhor do que “cê” fez na própria segunda, que foi muito bem. Ééé... E se você num consegue... Isso te atrapa... Isso... Ééé... Isso te abala um pouco sua confiança. Aí no outro treino, se você ainda num “tivê” confiante, num vai saí... E é muito difícil isso... “Cê”... “Cê”... “Cê treiná”... “Cê fazê” uma semana espetacular e “continuá” assim, “continuá” assim... Sabe aquele lance do... De você “chegá” no sucesso e “mantê”? É tipo isso. E é... Eu acho que isso é o desafio que “cê” tem todo dia de manhã. É você “sabê” que você não “qué errá”, mas, às vezes, você vai “errá”, porque o futebol ele não é só o que você “qué fazê”... Tem outras pessoa pensando nisso também... Tem milhões de outros problemas acontecendo ali... E... “Cê” tem que “resolvê” aqueles problemas. E aí, “cê” erra um passe... “Cê” tem que sê resiliente pra “acertá” o próximo... se “cê” num for resiliente pra “acertá” o próximo... ixé... Aí “cê” erra aquele, erra outro, erra outro... E acaba que seu treino fica uma... é muito difícil... E daí, tem também o fato de, eu penso muito no meu futuro, penso muito aonde eu quero “chegá”, e eu quero “chegá” muito longe. Então, aí eu fico com... Com essa pressão e essa ansiedade, sabe? Tipo, eu tenho que “fazê” um treino bom hoje, pra “treiná” bem amanhã, pra “treiná” bem depois, pra “podê” “jogá”, pra “jogá” bem, pra depois “treiná” bem de novo, “jogá” bem de novo, que eu quero “fazê” um ano bom, porque eu quero... “Crescê”, “crescê”, “crescê”... “Alcançá” tudo que eu sonho no futebol. Então, eu acho que, a pressão que a gente tem dentro da gente, eu acho que é o mais difícil no futebol, assim...[...] Eu sou muito ansiosa, muito mesmo (risos). Eu queria “resolvê” esse problema... (risos) (JOANA).

Segundo Joana, apesar da pressão ser elemento comum ao esporte de alto rendimento, considera que, entre as mulheres no futebol, a fonte principal das cobranças venha da própria atleta e não de terceiros (comissão técnica, dirigentes esportivos, torcida). Tal fala permite pensarmos que a cobrança para se provarem constantemente como “merecedoras” de um lugar em campo, conjugada à falta de condições jurídicas e infraestruturais, contribui para produção de situações ansiogênicas que podem ser vivenciadas no cotidiano de trabalho. Além de provarem seu próprio mérito, se veem, ainda, como desbravadoras de um campo emergente. Necessidade de provarem-se, na medida em que o merecimento aparece como valor tacitamente ligado a corpos distintos dos seus.

A insegurança jurídica (trabalho informal, instabilidade de emprego, contratos precários) e outros aspectos que caracterizam a realidade de trabalho no futebol de mulheres, como falta de equipamentos e instalações adequadas, pressão por resultados, reduzido valor social do trabalho, ambiguidade de papéis/funções no trabalho, constituem fatores de risco psicossocial associados ao adoecimento no trabalho – ansiedade, *burnout*, entre outros (CHAGAS, 2015; RODRIGUES; FAIAD; FACAS, 2020). De uma perspectiva de gênero, podemos sugerir que, no futebol, a presença desses fatores parece ter relação com a distribuição desigual, entre homens e mulheres, das oportunidades e condições para a prática, bem como das vantagens que dela decorrem. Contudo, gênero não opera isoladamente:

Na base, o futebol é um grande negócio, que proporciona benefícios financeiros a patrocinadores e a uma pequena parcela de atletas de elite. Diferenças de riqueza, origem nacional, raça, gênero e capacidade moldam padrões de oportunidades e desvantagens no esporte [...] essas categorias não são mutuamente excludentes. Ao contrário, o modo como se cruzam determina quem chega a jogar futebol, o nível de apoio que recebe e os tipos de experiência que tem se e quando joga (COLLINS; BILGE, 2021, p. 21).

Como as autoras assinalam, a dimensão de gênero, embora valiosa para compreendermos algumas operações do poder na instituição futebolística, deixa escapar outros aspectos de discriminação para os quais a noção de interseccionalidade poderia funcionar como ferramenta de análise. É o caso que temos aqui ao considerar as diferentes trajetórias de atletas na construção de uma carreira no futebol. Embora as desigualdades derivadas do gendramento da instituição futebolística no sistema FIFA formem um campo comum para as entrevistadas, a maneira como elas habitam e experimentam esse lugar varia segundo outras marcações sociais, como raça, classe, sexualidade, idade/geração, região/nacionalidade.

No caso específico de Joana, mulher preta e de origem pobre, as expectativas depositadas na carreira ultrapassam preocupações e ambições individuais, tendo como horizonte o anseio de cuidar da família, podendo intensificar a cobrança que exerce sobre si, bem como a pressão resultante desta prática. Para melhor apreendermos a situação, recorreremos à contribuição de Gonzalez (2016):

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão [...] onde sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da 'inferioridade' que lhe seriam peculiares (GONZALEZ, 2016, p. 408).

Se o futebol emerge como uma “nova alternativa” para Joana (embora pudéssemos questionar o que haveria de efetivamente novo ou alternativo nessa posição, dada a situação ainda precária da modalidade no contexto nacional), a entrada nessa jornada não parece estar isenta dos efeitos deletérios do racismo e do sexismo que miram seu corpo e, por vezes, se tornam componentes de sua constituição subjetiva. O ônus? O excerto destacado de sua fala ilustra – o erro, que já é usualmente reprovável no universo geral do desporto de alto rendimento, parece tornar-se ainda mais inadmissível vindo de uma mulher negra (Rafaela Silva <sup>4</sup>e Simone Billes <sup>5</sup> que o digam). Inadmissível para o outro e para si. Tornar-se mais visível também faz dela mais exposta e seu corpo, já lhe é bem sabido, é alvo. Assim, se vê precisando fazer sempre mais e melhor. O desafio de “‘chegá’ no sucesso e ‘mantê’”, como nos disse. Todavia, não podemos depreender disso o pressuposto de um efeito universal igualmente experienciado na relação das pessoas negras com o racismo, sob o risco de criarmos uma nova essencialização: há distintas maneiras dos sujeitos se relacionarem, se produzirem e subjetivarem em meio aos seus trânsitos sociais.

O emaranhado de condições que, no caso dela, se expressam sob a forma do que ela chama de ansiedade, é suprimido. No lugar do conjunto de relações e condições, emerge um “eu problemático” a ser corrigido, ajustado ao que quer que seja, efeito dos modos de sociabilidade organizados no bojo da sociedade neoliberal e racista – se o mérito é estritamente individual, o fracasso também o será. Haveria melhor maneira de manter inquestionáveis as condições, práticas e relações que produzem um contexto abusivo e, por vezes, adoecedor, senão encerrando o “problema” no indivíduo? Estratégia eficaz e que deixa inalteradas as políticas que geram efeitos de sofrimento psicossocial para os indivíduos mediante a produção do próprio indivíduo como a causa do problema.

## Considerações finais

As falas das atletas que participaram desta pesquisa mostram que seu percurso profissional é atravessado pelos efeitos das hierarquias que as categorizam em gêneros, raças, classes e sexualidades. No artigo, buscamos sublinhar a existência de aspectos socioinstitucionais e relacionais que organizam

4 Caso Rafaela Silva, após eliminação na Olimpíada de Londres-2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192>.

5 Caso Simone Billes, quando opta por não participar das finais de alguns aparelhos na Olimpíada de Tóquio-2020: Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/saude-e-pop/a-saida-de-simone-biles-das-olimpiadas-e-a-saude-mental-no-esporte/>.

méritos, provas e reconhecimentos desiguais para os corpos no universo desportivo, produzindo efeitos psicossociais também distintos.

A conquista de uma posição como jogadora de futebol não parece fazer cessar ou atenuar as cobranças para que se provem capazes e merecedoras de estar onde estão. A chegada imaginária só coloca um novo desafio: manter a posição. As autocobranças e a pressão sentida parecem guardar relação com o contexto da modalidade no país e com o sentido atribuído ao esporte, tudo isso atravessado pelas intersecções entre distintos marcadores sociais. Fazendo coro ao que foi enunciado por Rinaldi (2020) em seu estudo sobre estresse, humor e *burnout* em atletas de futebol, o desempenho esportivo e a saúde das atletas não podem ser avaliados desconsiderando o contexto da modalidade com seus potenciais fatores de risco psicossocial. Relatos sobre alterações do sono, sintomas de ansiedade, alterações metabólicas e de humor, como os que chegaram até nós, são parte da experiência psicossocial das atletas em condições socioinstitucionais específicas da modalidade, associadas a aspectos interseccionais e relações de poder complexas na sociedade brasileira, podendo gerar efeitos diversos sobre sua saúde e desempenho em campo.

## Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARROS; Laura P.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro, RJ, 1941.
- CHAGAS, Dina. Riscos psicossociais no trabalho: causas e consequências. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, n. 1, v. 2, p. 439-446, 2015.
- CAMILO, Juliana A. de O.; RUBIO, Katia. **Trabalho e esporte**: precariedade, invisibilidade e desafios. São Paulo: Laços, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2005.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: Notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e suas transformações. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 389-412.
- FARIA, Eliene Lopes. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade. **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 18, n. 18, p. 65-86, 2009.
- FREITAS, Marcel de Almeida. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da Psicologia Social. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/9263>. Acesso em: 24/05/2021.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n. 2, p.143-51, 2005.
- GONZALEZ, Léila. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. *In*: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Funart, 2016. p. 399-416.
- \_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. (Org.). **Pensamento feminista brasileiro**:

formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo. 2019. p. 237-256.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely B. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAAG, F. R. "O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele": trabalho e relações de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 141-160, 2018.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

MARKUNAS, Marisa. Psicologia do Esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-91452007000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100011). Acesso em: 20/03/2023.

PAIVA, José Geraldo. O psico-social/psicossocial – papel do hífen. In: SILVA JUNIOR, Nelson; ZANGARI, Wellington. **A Psicologia Social e a questão do hífen**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 25-29.

PAIVA, Vera Sílvia Facciolla. Psicologia na Saúde: sociopsicológica ou psicossocial? Inovações do campo no contexto da resposta brasileira à Aids. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 531-549, 2013.

PISANI, Mariane da Silva. "**Sou feita de chuva, sol e barro**": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2018.

RAMALHO, Glenda Simões. **O assédio moral no futebol profissional**. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídico-Empresariais) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Direito, Coimbra, 2016.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RINALDI, Igor Malinosqui. **Estresse, humor e burnout em atletas de futebol feminino**. 2020. 60 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências de Bauru, Bauru, 2020.

RODRIGUES, Carlos Manuel Lopes; FAIAD, Cristiane. Pesquisa sobre riscos psicossociais no trabalho: estudo bibliométrico da produção nacional de 2008 a 2017. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 19, n. 1, p. 571-579, 2019.

RODRIGUES, Carlos Manuel Lopes; FAIAD, Cristiane; FACAS, Emílio Peres. Fatores de risco e riscos psicossociais no trabalho: definições e implicações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 36, e36nsp19, p. 1-9, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2014.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**, Barcelona, v. VI, n.119 (95), ago., 2002.

RUBIO, Katia. Ética e compromisso social na Psicologia do Esporte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, p. 304-315, 2007.

SELIGMAN-SILVA, Edith. Os vínculos entre condições de trabalho e saúde mental. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 8, n. 2, p. 13-16, 1988.

SILVA, Elisa Martins; RABELO, Ivan; RUBIO, Katia. A dor entre atletas de alto rendimento. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 79-97, Jan./Jun., 2010.

SILVA, Giovana. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2015.

SILVERMAN, David. Analyzing talk and text. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks: SagePublications Inc, 2000. p. 821-834.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline; PISANI, Mariane da Silva. Carreiras e profissionalismo após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. **Labrys, étudesféministes/ estudos feministas**, v. 28, p. 1-20, Jul./Dez, 2015

**Agradecimentos**: agradecemos ao apoio financeiro da Fapesp que viabilizou a realização desta pesquisa. Processo nº 2017/19130-9, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.